

COLÉGIO SÃO LUÍS

ENSINO MÉDIO
CURSO DE METODOLOGIA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Thomaz Leme Romeiro Siqueira

São Paulo

2025

**Investimentos em empresas do setor de defesa no Brasil e nos Estados Unidos
(2018–2025): análise econômica e implicações éticas**

Artigo apresentado como requisito de aprovação em “Estudos e Pesquisas
Supervisionados”, na 2ª série do EM do Colégio São Luís

Orientador: Prof. Antônio Eduardo Serzedello De Paula

São Paulo
2025

*“Enquanto o lucro for o único propósito, a guerra sempre encontrará quem a
financie.”*

— *Byung-Chul Han*

AGRADECIMENTO

Agradeço ao professor Antônio Eduardo Serzedello De Paula, pela orientação e pelas reflexões que tornaram esta pesquisa possível. Agradeço também à minha família e amigos que me ajudaram, pelo incentivo constante e paciência durante todo o processo.

Dedico este trabalho a todos que acreditam que o dinheiro não deve valer mais do que a vida humana, e que a ética ainda pode existir dentro do sistema financeiro.

RESUMO

O trabalho analisou a relação entre o capital financeiro e o setor da defesa, com foco nas empresas listadas nas bolsas de valores *B3* (Brasil) e *NYSE* (Estados Unidos). Buscou-se compreender como o investimento privado, por meio da compra de ações, contribui para a sustentação de indústrias responsáveis pela produção de armamentos e tecnologias bélicas. A questão central foi: investir em empresas do setor da defesa significa investir na guerra? A partir de dados financeiros, relatórios corporativos e referenciais teóricos críticos, como *Chesnais* e *Mészáros*, observou-se que companhias como *Lockheed Martin*, *Raytheon Technologies*, *Embraer* e *Taurus Armas S.A.* dependem fortemente de contratos governamentais e do fluxo contínuo de capital dos investidores. Constatou-se que essa dinâmica reforça a financeirização da guerra e a transforma em um negócio lucrativo. Além dos impactos econômicos, a pesquisa destaca os efeitos éticos e sociais desse processo: o lucro obtido com ações está diretamente ligado à destruição de vidas e ao agravamento de conflitos armados. Essa contradição revela uma responsabilidade moral compartilhada entre governos, corporações e investidores, colocando em debate os limites éticos do mercado financeiro. Conclui-se que investir nesse setor é, ainda que indiretamente, sustentar a lógica global da guerra.

Palavras-chave: setor da defesa; bolsa de valores; capitalismo; guerra; ética; investimento.

ABSTRACT

This work analyzed the relationship between financial capital and the defense sector, focusing on companies listed on the B3 (Brazil) and NYSE (United States) stock exchanges. It sought to understand how private investment, through the purchase of shares, contributes to sustaining industries responsible for producing weapons and war technologies. The central question was: does investing in defense sector companies mean investing in war? Based on financial data, corporate reports, and critical theoretical references such as Chesnais and Mészáros, it was observed that companies like Lockheed Martin, Raytheon Technologies, Embraer, and Taurus Armas S.A. rely heavily on government contracts and continuous investor capital flow. This dynamic reinforces the financialization of war and turns it into a profitable business. Beyond economic impacts, the research highlights the ethical and social effects of this process: profit gained from shares is directly linked to the destruction of lives and the worsening of armed conflicts. This contradiction reveals a shared moral responsibility among governments, corporations, and investors, raising debate over the ethical limits of the financial market. It is concluded that investing in this sector means, even indirectly, sustaining the global logic of war.

Keywords: defense sector; stock market; capitalism; war; ethics; investment.

Lista de ilustrações:

Figura 1 – Estande da Taurus em evento de defesa na Índia – página 14

Figura 2 – Touro de Wall Street em Nova York. – página 24

Figura 3 – Sede do JPMorgan Chase em Nova York. – página 25

Lista de gráficos:

Gráfico 1 – Principais empresas vendedoras de armamentos no mundo – página 16

Gráfico 2 – Variação do valor de mercado das principais empresas do setor da defesa (jan-jun/2025) – página 17

Lista de abreviaturas e siglas:

B3 – Brasil, Bolsa, Balcão

EUA – Estados Unidos da América

GDP – Gross Domestic Product (Produto Interno Bruto – PIB)

LMT – Lockheed Martin Corporation

NYSE – New York Stock Exchange (Bolsa de Valores de Nova York)

PIB – Produto Interno Bruto

RTX – Raytheon Technologies Corporation

SIPRI – Stockholm International Peace Research Institute

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

RESUMO	5
Lista de ilustrações:	7
Lista de gráficos:.....	7
Lista de abreviaturas e siglas:.....	8
Sumário.....	9
1 INTRODUÇÃO	10
2. CAPITALISMO, PODER E A INDÚSTRIA DA DEFESA: PERSPECTIVAS	
CRÍTICAS – Capítulo 1	15
2.1 - Como funcionam as bolsas de valores e o acesso às empresas militares.....	15
2.1.2 - Quem são essas empresas do setor da defesa e o que elas fazem.....	17
2.1.3 – Impactos éticos e sociais do investimento em empresas do setor da defesa.....	20
3. O MERCADO FINANCEIRO E OS INVESTIMENTOS EM EMPRESAS DE	
DEFESA: DINÂMICA, ÉTICA E IMPACTOS GEOPOLÍTICOS – Capítulo 2	22
3.2.1 - Tipo de pesquisa	22
3.2.2 - Coleta e análise de dados	22
3.2.3 - Discussão dos resultados das disparidades entre B3 e NYSE no Setor de Defesa (2018-2025)	23
3.2.4 – Conclusão do capítulo e dos dados coletados	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: INVESTIMENTOS, ÉTICA E NOVOS CAMINHOS	
DE PESQUISA – CAPÍTULO 3.....	27
4.3.1 Reflexões teóricas e tensionamento com os autores	27
4.3.2 Constatações a partir da pesquisa empírica.....	29
4.3.3 Ética, contradições e caminhos futuros	30
5 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como foco os investimentos individuais ¹na bolsa de valores². O objetivo é compreender como os valores aplicados de investidores de varejo, definidos aqui como indivíduos que aplicam seu próprio capital, sem atuação institucional ou profissional no mercado financeiro podem, ou não, acabar financiando indústrias armamentistas e quais são as possíveis consequências sociais e políticas desse fluxo de capital.

Muitos investidores não têm clareza sobre o destino final dos seus investimentos e desconhecem os impactos que essas aplicações podem ter em conflitos armados ao redor do mundo. Esta pesquisa busca trazer esse debate à tona, evidenciando que decisões financeiras aparentemente neutras podem ter efeitos significativos na sociedade.

A análise será fundamentada por conceitos de ética econômica e responsabilidade social corporativa. Autores como Milton Friedman (1970), defensor da ideia de que a única responsabilidade social da empresa é gerar lucro para seus acionistas, e Edward Freeman (1984), que introduziu a teoria dos *stakeholders* ³e a noção de responsabilidade social empresarial, serão referências centrais. Além disso, serão utilizados estudos sobre a relação entre investimentos financeiros e o crescimento do setor bélico, além de dados de relatórios financeiros e planos de crescimento de empresas militares, como Lockheed Martin ⁴e Raytheon⁵, para avaliar o impacto do capital investido por indivíduos nesses conglomerados.

Outro ponto relevante é a análise do grau de responsabilidade do investidor de varejo diante dos impactos éticos de suas decisões. Pretende-se investigar se essas

¹ **1. Investidores individuais** – Pessoas físicas que aplicam seu próprio dinheiro na bolsa, sem representar empresas ou instituições financeiras.

² **2. Bolsa de valores** – Ambiente onde ações e outros ativos são comprados e vendidos. Exemplos: B3 (Brasil), NYSE e NASDAQ (EUA).

³ **3. Stakeholders** – Conceito usado em administração que inclui todas as partes afetadas por uma empresa, como funcionários, clientes, sociedade e meio ambiente (FREEMAN, 1984).

⁴ **3. Lockheed Martin** – Empresa norte-americana que fabrica aviões militares, mísseis e sistemas de defesa.

⁵ **4. Raytheon Technologies** – Multinacional dos EUA especializada em sistemas aeroespaciais e de defesa.

empresas oferecem transparência suficiente sobre o uso dos recursos captados no mercado e se o investidor possui alternativas viáveis para alinhar seus investimentos com valores éticos, por meio de portfólios *ESG*¹⁰ (ambiental, social e governança) ou investimentos socialmente responsáveis.

As perguntas norteadoras incluem: até que ponto é possível separar questões éticas de decisões financeiras? Investir em empresas do setor militar significa apoiar conflitos armados de forma indireta? Existe responsabilidade individual dentro de um sistema financeiro globalizado? Por meio dessa investigação, pretende-se oferecer uma reflexão crítica sobre a conexão entre ética, mercado e geopolítica, reforçando que o mercado financeiro está intimamente ligado ao mundo real e que as decisões de investimento geram impactos que vão além da rentabilidade individual.

Dessa forma, a pesquisa parte da observação de que investidores individuais¹ que, muitas vezes chamados de “pessoas comuns” podem estar contribuindo, mesmo que de forma indireta, para o fortalecimento da indústria militar, ao aplicarem seu dinheiro em ações de empresas do setor, seja na *B3* (Bolsa de Valores² do Brasil) ou na Bolsa de Nova York (*NYSE*). A partir desse cenário, é essencial compreender até que ponto essas decisões financeiras envolvem uma responsabilidade ética. Para isso, o trabalho se apoia em conceitos da ética nas finanças e na economia, com autores como Milton Friedman (1970), que defende o lucro como objetivo principal das empresas, e Edward Freeman (1984), que argumenta a favor da responsabilidade social corporativa. Esses dois olhares permitem refletir sobre o papel do investidor num mercado que parece neutro, mas que, na prática, pode ter impacto direto sobre conflitos armados, políticas públicas e vidas humanas.

O foco é nos investimentos realizados por investidores individuais nas bolsas de valores, especialmente a Bolsa de Valores² de Nova York (*NYSE*) e a *B3* (Bolsa de Valores do Brasil), com foco em ações de empresas do setor militar. A proposta é entender como o capital investido por pessoas físicas pode acabar financiando empresas que produzem armas e tecnologias militares, impactando, assim, conflitos armados ao redor do mundo. Frequentemente, os investidores focam exclusivamente no retorno financeiro, sem considerar as repercussões dessas escolhas. Este trabalho visa explorar essa questão, trazendo à tona a reflexão sobre a responsabilidade ética dos investidores nessas decisões.

A relevância deste tema está no fato de que a bolsa de valores é uma das principais formas de captação de recursos pelas empresas, e os investimentos de milhares de pessoas ao redor do mundo ajudam a impulsionar empresas que, em última instância, vendem produtos para governos e forças armadas. Dessa forma, o dinheiro direcionado a essas corporações pode, direta ou indiretamente, estar financiando conflitos armados. A questão ética que surge é: até que ponto os investidores são responsáveis por esse financiamento? Esse estudo também se relaciona com o movimento crescente do mercado financeiro por investimentos mais conscientes, em que investidores buscam evitar empresas que vão contra seus valores. No entanto, será que essa escolha realmente gera impacto no mercado? Ou é apenas uma tendência que não altera substancialmente o comportamento das corporações?

Para uma análise aprofundada, será fundamental estudar relatórios financeiros de empresas militares e investigar até que ponto elas dependem dos investimentos individuais. Será importante analisar também a literatura existente sobre a relação entre investimentos e a indústria bélica, além de definir os conceitos de ética financeira e a responsabilidade do investidor. A pesquisa buscará oferecer uma visão crítica sobre como o mercado financeiro, longe de ser um espaço apenas voltado para o lucro, está intimamente ligado a questões sociais, políticas e éticas.

O objetivo central deste trabalho é investigar de que forma os investimentos realizados por pequenos investidores nas bolsas de valores, tanto na brasileira *B3* quanto na bolsa americana *NYSE* podem influenciar diretamente o crescimento de empresas do setor militar, principalmente entre os anos de 2018 e 2025. Outro ponto do trabalho, é pretender oferecer uma visão crítica sobre a transparência dessas empresas e as consequências reais das decisões financeiras no cenário global. A pesquisa também visa aprofundar a compreensão filosófica do conceito de ética aplicada ao mercado financeiro, buscando diferentes correntes e autores para refletir sobre os limites morais das escolhas de investimento. Nesse sentido, é fundamental esclarecer que, neste trabalho, o termo "empresas militares" se refere àquelas que produzem armamentos, tecnologia de defesa, veículos bélicos e serviços voltados às forças armadas, como é o caso de companhias como *Lockheed Martin* e *Raytheon*.

*Technologies*⁴, com presença expressiva nas bolsas americanas e destaque nos lucros globais do setor.

Para atingir esse objetivo, a pesquisa será dividida em três capítulos. No primeiro, será abordado o funcionamento da bolsa de valores e sua origem, explicando como os pequenos investidores acessam o mercado e como seu dinheiro pode chegar até as empresas listadas, com foco na estrutura da B3 e NYSE entre os anos de 2018 a 2025. O segundo capítulo investigará diretamente as empresas militares presentes nas bolsas, analisando sua atuação, produtos, acionistas e lucros, além de estudar a ética no mercado financeiro a partir de teorias como a dos *stakeholders* e autores como Kant⁷, Mill⁸, Friedman e Freeman. Já no terceiro capítulo, será feita uma análise dos impactos sociais e econômicos desses investimentos, questionando a responsabilidade moral dos investidores e explorando alternativas éticas de aplicação financeira, como os fundos ESG e investimentos socialmente responsáveis.

Com base nas questões e objetivos levantados, esta pesquisa parte da hipótese de que muitos pequenos investidores não têm plena consciência do impacto ético e social de suas aplicações financeiras em empresas militares, devido à falta de transparência e debate sobre o tema atualmente. Acredita-se que esses investimentos podem contribuir significativamente para o crescimento do setor bélico, influenciado também por contextos geopolíticos. Além disso, presume-se que a lógica do lucro prevalece muito sobre preocupações morais no mercado financeiro, mesmo existindo alternativas éticas de investimento. A pesquisa também leva em conta que a regulamentação atual pode ser insuficiente para orientar decisões mais conscientes e que tais investimentos, longe de serem neutros, geram consequências diretas para a sociedade, tanto positivas quanto negativas.

A metodologia aplicada para esta pesquisa será qualitativa e exploratória, com base em pesquisa bibliográfica, documental e visitas técnicas. Serão analisados livros e artigos acadêmicos sobre ética, mercado financeiro e investimentos, com destaque para autores como Byung-Chul Han, pretendo usar o conceito de “capitalismo bélico” da obra *Capitalismo: Impulso da Morte* (2021), que mostra como a lógica capitalista moderna se apoia em guerras, destruição e no lucro das indústrias de armamentos para sustentar sua expansão.⁶ Também será feito um estudo do funcionamento das bolsas de valores brasileira (B3) e americana (NYSE e NASDAQ), com foco na

dinâmica dos investimentos em empresas militares. A pesquisa mapeará quais empresas do setor bélico estão listadas nas bolsas e como elas operam, por meio da análise de relatórios financeiros, balanços patrimoniais e dados públicos. Estão previstas visitas à B3 e à NYSE, além de possíveis entrevistas com economistas, investidores ou consultores financeiros, para ampliar o entendimento prático do mercado. Por fim, serão investigadas as alternativas de investimento ético disponíveis no mercado e os impactos sociais que os investimentos no setor militar podem gerar, permitindo uma reflexão crítica e fundamentada sobre o tema.

RODAPÉ (está travado e não consegui arrumar)

|

6. Byung-Chul Han – Filósofo sul-coreano que critica o capitalismo moderno. Autor do livro *Capitalismo: Impulso da Morte*.

7. Immanuel Kant – Filósofo alemão do século XVIII, que defendia que a moral deve seguir princípios universais, não interesses pessoais.

8. John Stuart Mill – Filósofo britânico do século XIX, conhecido pelo utilitarismo, que julga a moral com base nas consequências das ações.

9. Fundos socialmente responsáveis – Fundos que evitam investir em empresas que agredem o meio ambiente, violam direitos humanos ou estão ligadas à indústria bélica.

10. ESG - sigla em inglês para *Environmental, Social and Governance* (Ambiental, Social e Governança). Refere-se a critérios usados por investidores para avaliar o desempenho sustentável e ético de empresas.

2. CAPITALISMO, PODER E A INDÚSTRIA DA DEFESA: PERSPECTIVAS CRÍTICAS – CAPÍTULO 1

2.1 - Como funcionam as bolsas de valores e o acesso às empresas militares

A bolsa de valores é um espaço de negociação onde investidores compram e vendem títulos de empresas, como ações, com o objetivo de obter lucro. Quando uma empresa decide abrir capital, ou seja, vender parte de sua propriedade ao público, ela passa por um processo chamado *IPO*⁶ (Oferta Pública Inicial). A partir desse momento, suas ações passam a ser negociadas livremente no mercado. As bolsas mais conhecidas, como a B3 (no Brasil), a NYSE (*New York Stock Exchange*) e a NASDAQ (nos Estados Unidos), são locais onde ocorrem esses investimentos⁷. Embora pareçam acessíveis apenas a grandes empresários, esse processo de investimento é facilitado por corretoras de valores, que funcionam como intermediárias entre o investidor e a bolsa de valores.

Com o avanço das tecnologias digitais, essas corretoras disponibilizam plataformas online acessíveis para pessoas físicas, democratizando ainda mais o acesso ao mercado financeiro⁸. Esse acesso democrático à bolsa criou uma realidade onde investidores comuns, muitas vezes sem grande conhecimento sobre os impactos de suas escolhas, podem se tornar sócios de empresas ligadas à produção de armas, veículos de guerra, sistemas de vigilância e tecnologia militar. Empresas como a *Lockheed Martin*, *Raytheon* e *Northrop Grumman*, por exemplo, são grandes fornecedoras do governo dos EUA⁹ e estão listadas na bolsa. No Brasil, embora em

⁶*IPO* (Initial Public Offering) refere-se à oferta pública inicial de ações de uma empresa na bolsa de valores, permitindo a captação de recursos junto a investidores (B3, 2023).

⁷ NYSE. *How to invest in defense companies*. Disponível em: <https://www.nyse.com>

B3. *Guia do investidor*. Disponível em: <https://www.b3.com.br>

⁸ ANBIMA. *Guia de Fundos de Investimentos e Corretoras*. Disponível em: <https://www.anbima.com.br>

⁹ SIPRI – Stockholm International Peace Research Institute. *Top 100 arms-producing and military services companies, 2023*. Disponível em: <https://sipri.org>

menor escala, empresas como a Taurus Armas S.A. e a Embraer também possuem atuação significativa no setor de defesa e têm ações disponíveis para investidores.

Gráfico 1: **Maiores receitas de empresas do setor de defesa (2021)**

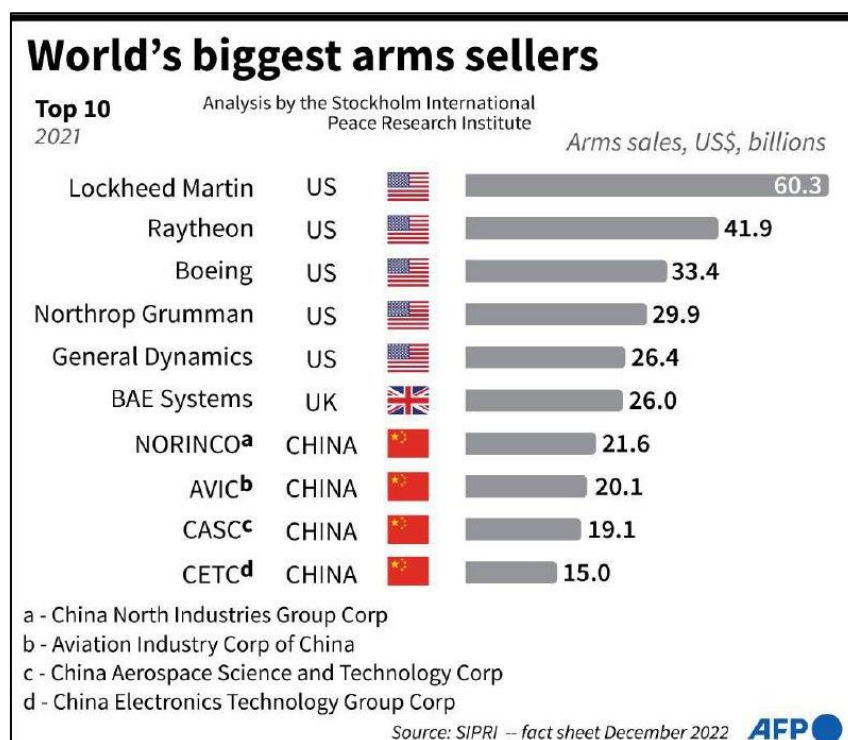


Gráfico: Maiores empresas vendedoras de equipamentos bélicos em 2021

Fonte: [The world's biggest defense contractors by revenue : r/LessCredibleDefence](https://www.lesscredibledefence.com/the-worlds-biggest-defense-contractors-by-revenue/)

A presença dessas empresas no mercado financeiro traz à tona a discussão sobre a responsabilidade ética dos investidores. Afinal, ao adquirir ações de uma empresa,

o investidor contribui para o seu financiamento e crescimento¹⁰. Com o capital levantado na bolsa, essas empresas podem expandir sua produção, investir em novas tecnologias e ampliar sua atuação em conflitos armados pelo mundo.

Além disso, o desempenho de ações de empresas e produtos de defesa costuma melhorar em contextos de guerra ou crise geopolítica, o que pode atrair ainda mais investidores em busca de lucros rápidos mesmo que o lucro esteja, direta ou indiretamente, ligado a cenários de destruição e violência. Além disso, de acordo com o *Stockholm International Peace Research Institute*¹¹ (SIPRI), os gastos militares globais ultrapassaram a marca de 2,2 trilhões de dólares em 2023, o que mostra como o setor da defesa continua sendo um dos mais financiados do mundo. Parte significativa desse valor vem de investimentos privados por meio das bolsas de valores.¹²

Assim, entender como funciona a bolsa de valores e como se dá o acesso às empresas militares é essencial para refletir sobre o papel de cada investidor no fortalecimento desse setor. A facilidade com que se pode investir esconde uma série de implicações éticas e sociais que precisam ser debatidas com profundidade, principalmente em tempos em que guerras e conflitos se tornam cada vez mais presentes nas pautas internacionais.

2.1.2 - Quem são essas empresas do setor da defesa e o que elas fazem

As empresas de defesa que atuam na bolsa de valores fazem parte de um setor chamado de "complexo industrial militar", expressão popularizada pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Dwight D. Eisenhower¹³, ao alertar sobre os riscos da aliança entre grandes empresas, o governo e o setor bélico. Essas empresas produzem desde

10 MISHKIN, Frederic S. Mercados financeiros e instituições. São Paulo: Pearson, 2011.

¹¹ O *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI) é um instituto independente fundado em 1966 na Suécia, reconhecido internacionalmente por suas pesquisas sobre conflitos, armamentos, controle de armas e desarmamento. Suas publicações e bancos de dados são amplamente utilizados por governos, organizações internacionais, acadêmicos e meios de comunicação, tornando-o uma das principais referências globais para estudos de defesa e segurança internacional.

¹² SIPRI. *Military Expenditure Database 2023*. Disponível em: <https://www.sipri.org>

¹³ EISENHOWER, Dwight D. *Farewell Address to the Nation*. 17 jan. 1961. Arquivo oficial da Casa Branca.

armas leves até mísseis, aviões de combate, satélites de vigilância, softwares de inteligência artificial militar, drones e tecnologias de espionagem. Elas lucram principalmente com contratos governamentais, principalmente de países que investem fortemente em defesa, como os Estados Unidos, Israel, Rússia e China.

Nos Estados Unidos, as maiores empresas listadas em bolsa e ligadas ao setor são a Lockheed Martin, maior fornecedora do Departamento de Defesa dos EUA, especializada em aviões de guerra como o F-35; a *Raytheon Technologies*, responsável por sistemas de mísseis como o Patriot; a *Northrop Grumman*, que atua em tecnologia espacial e defesa nuclear; e a *General Dynamics*, envolvida na produção de submarinos e tanques de guerra¹⁴. Essas empresas não vendem para o consumidor comum seu principal cliente é o Estado, e suas receitas vêm quase totalmente de gastos públicos militares. De acordo com o *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI), os gastos militares globais ultrapassaram a marca de 2,2 trilhões de dólares em 2023, o que mostra como o setor da defesa continua sendo um dos mais financiados do mundo. Parte significativa desse valor vem de investimentos privados por meio das bolsas de valores.

No Brasil, o cenário é diferente, mas também relevante. A *Embraer*, por exemplo, é conhecida por seus aviões civis, mas possui uma divisão de defesa que fabrica aeronaves militares como o Super Tucano, usado em treinamentos e missões de patrulhamento¹⁵. A *Taurus Armas S.A.* é outra empresa brasileira listada na B3, famosa pela produção de armas leves, como pistolas e revólveres, vendidas para polícias, empresas de segurança e, em alguns casos, o mercado civil de outros países¹⁶. Embora o setor de defesa brasileiro seja menor, ele também recebe investimentos de acionistas comuns.

¹⁴ LOCKHEED MARTIN. *Products and capabilities*. Disponível em: <https://www.lockheedmartin.com>
RTX (Raytheon). *What we do*. Disponível em: <https://www.rtx.com>

¹⁵ EMBRAER. *Relatório Anual 2023* e página oficial de defesa: <https://defense.embraer.com>

¹⁶ TAURUS. *Relatório Anual 2023*. Disponível em: <https://www.taurusarmas.com.br>

Figura 1: Participação da empresa *Taurus* em exposição de Defesa na Índia buscando novos investidores

Foto (figura 1): Stand da empresa *Taurus* na *DefExpo India 2022*, realizada na cidade de Gandhinagar, Índia, onde apresentou armamentos e buscou atrair novos investidores.



Fonte: [DEFEXPO 2022 – Taurus participa de exposição de Defesa na Índia - Tecnodefesa](#)

Essas empresas utilizam o capital levantado com a venda de ações para financiar pesquisa, expandir fábricas, adquirir outras empresas e, principalmente, para garantir que estejam sempre à frente tecnologicamente. O investimento constante em inovação aumenta seu poder de influência no cenário político e sua capacidade de atender à demanda crescente por armamentos em tempos de tensão global. Quanto mais dinheiro recebem dos investidores, mais elas conseguem competir por contratos militares bilionários.¹⁷

¹⁷ Relatórios financeiros das empresas citadas.

Revista *The Economist*: “Weapons and Wall Street”, ed. 2022.

SIPRI (Stockholm International Peace Research Institute): *Arms Industry Database*.

Por isso, quando um investidor decide aplicar seu dinheiro em ações dessas companhias, ele não está apenas buscando lucro. Indiretamente, está colaborando com o crescimento de um setor que pode influenciar diretamente em decisões políticas, guerras e estratégias de segurança global. Compreender quem são essas empresas e o que produzem é fundamental para avaliar o verdadeiro impacto social e político do investimento em seus papéis.

2.1.3 – Impactos éticos e sociais do investimento em empresas do setor da defesa

Investir em empresas do setor da defesa pode parecer, à primeira vista, uma decisão financeira comum, baseada na busca por lucros e segurança de retorno. No entanto, esse tipo de investimento levanta discussões profundas sobre o papel do investidor na manutenção e expansão de indústrias que atuam diretamente em contextos de guerra, segurança e geopolítica. Por isso, é importante pensar nas implicações éticas envolvidas.

A lógica do mercado financeiro é baseada na valorização de empresas que conseguem crescer e gerar lucros. No caso das empresas do setor da defesa, o crescimento está, muitas vezes, ligado ao aumento de conflitos ou à corrida armamentista. Isso significa que, quanto maior a instabilidade global, maior tende a ser a valorização dessas empresas. Dessa forma, o investidor, mesmo sem intenção direta, pode estar contribuindo para a sustentação econômica de setores que lucram com tensões militares e violência organizada¹⁸.

Esse dilema se conecta com a ideia de responsabilidade ética dos agentes econômicos, defendida por autores como John Stuart Mill¹⁹, que refletia sobre como as ações individuais devem considerar o bem coletivo. O investidor passa a ser visto

• 18

SIPRI (Stockholm International Peace Research Institute). *Trends in World Military Expenditure*. Disponível em: <https://sipri.org>

• FREEDMAN, Lawrence. *The Future of War: A History*. PublicAffairs, 2017.

• 19

MILL, John Stuart. *Utilitarianism*. 1863. (Obra disponível em domínio público e traduzida para o português em várias edições.)

• ROSSI, Pedro. “A Ética Utilitarista de John Stuart Mill”. *Revista de Filosofia Moderna*, v. 18, n. 2, 2021.

não só como alguém que movimenta capital, mas como um agente que pode influenciar o rumo de políticas públicas e prioridades sociais ao escolher onde aplicar seu dinheiro.

Além disso, cresce o movimento global de “investimento responsável” ou *ESG* (sigla para Environmental, Social and Governance), que avalia empresas não apenas pelo lucro, mas também por seu impacto ambiental, social e sua governança ética²⁰. A inclusão de empresas de armamentos em carteiras de investimento *ESG* é tema de controvérsia. Muitos fundos excluem essas companhias, entendendo que sua atividade principal não é compatível com a promoção de uma sociedade pacífica e sustentável.

Por outro lado, há quem argumente que a defesa é uma necessidade legítima dos Estados e que investir nesse setor pode garantir avanços tecnológicos, empregos e até segurança em momentos de crise. A questão central é que, em meio a esse debate, cabe ao investidor refletir sobre seus próprios valores e sobre o que está financiando com seu capital.

Compreender esse cenário é essencial para quem deseja investir com consciência. Não se trata apenas de maximizar rendimentos, mas de entender que cada escolha no mercado carrega consequências reais, que ultrapassam os números da bolsa e afetam diretamente a vida de pessoas ao redor do mundo.

²⁰ PRI (Principles for Responsible Investment). “What is responsible investment?” Disponível em: <https://www.unpri.org>

GRI (Global Reporting Initiative). “Understanding ESG Reporting”. Disponível em: <https://www.globalreporting.org>

KRAUSS, Clifford. “Investors’ Growing Appetite for Ethical Stocks Tests Wall Street”. *The New York Times*, 2021.

3. O MERCADO FINANCEIRO E OS INVESTIMENTOS EM EMPRESAS DE DEFESA: DINÂMICA, ÉTICA E IMPACTOS GEOPOLÍTICOS – CAPÍTULO 2

3.2.1 - Tipo de pesquisa

A pesquisa desenvolvida neste trabalho caracteriza-se como qualitativa e exploratória, com elementos descritivos. O caráter qualitativo se justifica pela ênfase na compreensão das dinâmicas sociais, políticas e econômicas que envolvem o investimento em empresas do setor da defesa, tanto na B3 quanto na NYSE. Em vez de buscar apenas quantificar resultados, a intenção é analisar como esses investimentos se articulam com contextos mais amplos, como segurança internacional, crises políticas e a própria lógica capitalista contemporânea.

O caráter “investigativo/diagnostico” está presente porque, no Brasil, há poucos trabalhos acadêmicos que tratam diretamente da relação entre o mercado de capitais e o setor da defesa. Dessa forma, a pesquisa buscou mapear conceitos, levantar informações iniciais e ampliar a compreensão sobre o fenômeno. Esse tipo de abordagem permite construir um panorama inicial, que pode ser aprofundado em estudos posteriores.

Além disso, há também um braço descritivo, pois foram levantados dados documentais, históricos e econômicos que ajudam a caracterizar o modo como as empresas do setor de defesa se apresentam no mercado e de que forma investidores comuns podem acessar esse segmento. O intuito foi unir análise conceitual e evidências concretas para fundamentar as interpretações ao longo do trabalho.

3.2.2 - Coleta e análise de dados

A coleta de dados foi realizada a partir de relatórios da B3, da NYSE e de bases públicas de empresas listadas, complementada pela observação direta durante a visita à bolsa de valores de Nova York, o que possibilitou compreender melhor a

dinâmica de negociação dessas companhias. Os números revelam diferenças estruturais entre os dois mercados.

Na B3, a principal empresa do setor de defesa é a Embraer S.A., cujo valor de mercado gira em torno de R\$ 14 bilhões em 2025. Apesar de representar inovação tecnológica relevante para o Brasil, a liquidez das ações é mais restrita e o volume de investidores institucionais é menor, sendo que parte significativa dos acionistas é composta por investidores comuns e fundos de investimento nacionais.

Já na NYSE, o cenário é de maior robustez e diversidade. Empresas como a *Lockheed Martin* (aproximadamente US\$ 120 bilhões de valor de mercado), *Raytheon Technologies* (em torno de US\$ 140 bilhões) e *Northrop Grumman* (cerca de US\$ 65 bilhões) estão entre as mais negociadas do setor. Durante a visita à bolsa, foi possível observar a forte presença de fundos institucionais e investidores estrangeiros, que movimentam grandes volumes diários, o que garante maior liquidez e estabilidade ao setor.

Outro aspecto relevante identificado nos dados é a relação com os critérios de ESG (*Environmental, Social and Governance*). Embora muitos fundos internacionais adotem tais parâmetros como requisito de investimento, diversos ainda mantêm participação em companhias de defesa, justificando a permanência sob a lógica da segurança global e do retorno financeiro. Esse contraste mostra como o mercado financeiro equilibra discursos éticos com práticas de alta rentabilidade.

3.2.3 - Discussão dos resultados das disparidades entre B3 e NYSE no Setor de Defesa (2018-2025)

Os dados coletados revelam um contraste marcante entre a B3 e a NYSE no que se refere ao setor de defesa. Enquanto o Brasil apresenta uma dependência quase exclusiva da Embraer, com participação limitada no mercado e menor atratividade para fundos internacionais, o mercado norte-americano é altamente diversificado e dominado por grandes corporações. Isso reforça como os Estados

Unidos consolidaram um complexo industrial-militar que sustenta a competitividade global de suas empresas e atrai capitais estrangeiros.

A visita à NYSE evidenciou essa diferença: o fluxo constante de negociações, a presença de analistas de grandes fundos e a liquidez elevada contrastam com o ambiente mais restrito observado na B3. Essa realidade explica por que investidores internacionais preferem aplicar em empresas como Lockheed Martin ou Raytheon, que oferecem não apenas maior estabilidade, mas também dividendos expressivos, mesmo em um setor envolto em debates éticos.

Figura 2: Touro de Wall Street em Nova York.

Foto (figura 2): A foto mostra o Charging Bull, símbolo da força do mercado financeiro dos Estados Unidos Da America.



Fonte: Autoria Própria

Figura 3: Sede do JPMorgan Chase em Nova York.



Foto (figura 3): Além de sua atuação como banco de investimento, a instituição possui participação significativa em empresas do setor de defesa listadas na Bolsa de Nova York. Em setembro de 2024, detinha cerca de 816 mil ações da Lockheed Martin, avaliadas em aproximadamente US\$ 477 milhões, além de opções sobre ações no valor de US\$ 27 milhões. Já em março de 2025, registrou posição de aproximadamente 5,5 milhões de ações da General Dynamics, equivalentes a cerca de US\$ 1,5 bilhão em valor de mercado. Esses dados ilustram como instituições financeiras globais influenciam o setor de defesa por meio de investimentos

acionários.

Fonte: Autoria própria, descrição feita com base em Stockzoa (2024) e Techdows (2025). (fixado em referências)

Outro ponto é a contradição entre o discurso ESG e a prática do mercado. Se por um lado existe uma pressão crescente por responsabilidade socioambiental, por outro, os dados mostram que empresas de armamentos seguem recebendo aportes robustos. A justificativa apresentada por muitos investidores é que a defesa nacional se enquadra como “necessidade estratégica”, o que ameniza as críticas éticas. Isso mostra que, no fim, o capitalismo financeiro tende a se ajustar mais à rentabilidade do que a princípios éticos absolutos, evidenciando o que autores como Chesnais e Mészáros ²¹apontam sobre a centralidade do capital na lógica de acumulação contemporânea.

3.2.4 – Conclusão do capítulo e dos dados coletados

A análise comparativa entre a B3 e a NYSE demonstra como o setor de defesa reflete desigualdades estruturais entre economias emergentes e desenvolvidas. No Brasil, a presença quase isolada da Embraer limita o dinamismo do mercado e evidencia a fragilidade de uma estrutura que ainda não se consolidou como polo de atração global de capitais. Já nos Estados Unidos, o setor se encontra integrado a uma lógica de acumulação mais ampla, na qual empresas de grande porte não apenas movimentam bilhões em investimentos, mas também se beneficiam da legitimação política e estratégica conferida pelo Estado.

-
- ²¹ **Chesnais, Mészáros e a lógica capitalista contemporânea:** Autores que discutem a centralidade do capital na lógica de acumulação do capitalismo financeiro atual.

-François Chesnais, economista francês, autor de *A Mundialização do Capital* (1996), referência nos estudos sobre financeirização e globalização.

-István Mészáros, filósofo húngaro radicado na Inglaterra, autor de *Para Além do Capital* (1995), reconhecido por suas críticas à expansão ilimitada da lógica capitalista.

Os dados também revelam uma contradição fundamental: apesar da pressão crescente por práticas *ESG* e investimentos éticos, empresas ligadas à produção de armamentos continuam figurando entre as mais atrativas para fundos institucionais e individuais. Essa contradição mostra que a lógica financeira, na prática, prioriza a rentabilidade e a segurança de retorno sobre considerações éticas mais amplas. Assim, confirma-se a hipótese de que o mercado de capitais, mesmo em setores socialmente controversos, é guiado pela racionalidade do lucro.

Essa constatação é uma peça-chave para a pesquisa, pois evidencia que, mesmo em setores socialmente controversos, a lógica financeira prioriza rentabilidade e segurança de retorno em vez de considerações éticas mais amplas. Esse *insight*²² é fundamental para avançar na análise do TCC, servindo como ponto de partida para compreender como crises internacionais, guerras e instabilidades geopolíticas influenciam diretamente a valorização e o desempenho dessas empresas nos mercados de ações, conectando os dados à resposta central da pesquisa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: INVESTIMENTOS, ÉTICA E NOVOS CAMINHOS DE PESQUISA – CAPÍTULO 3

4.3.1 Reflexões teóricas e tensionamento com os autores

Ao longo deste trabalho, buscou-se compreender como o setor da defesa, tradicionalmente visto como área estratégica do Estado, se insere cada vez mais na lógica do mercado financeiro global. Essa constatação só pode ser alcançada a partir do diálogo com autores que problematizam a financeirização e as contradições do capitalismo contemporâneo. Belluzzo (2013), ao examinar os efeitos da globalização financeira, afirma que a valorização do capital migrou do espaço da produção material para o da especulação e dos fluxos monetários. Essa leitura é fundamental para

• ²² *INSIGHT*. Oxford English Dictionary. Oxford University Press, 2025. Disponível em: [insight - Quick search results | Oxford English Dictionary](#). Acesso em: 26 ago. 2025. Definição: compreensão súbita, percepção profunda ou ideia clara sobre um tema ou problema.

compreender por que empresas de defesa se mantêm em constante valorização mesmo em momentos em que não ampliam efetivamente sua produção de armamentos. A expectativa de guerra futura, ou de novos contratos militares, já é suficiente para sustentar a alta de suas ações em bolsas como a NYSE e a B3.

Outro aporte teórico essencial foi Byung-Chul Han (2017), que ao falar sobre a sociedade neoliberal e seus efeitos na subjetividade, evidencia como a lógica da autoexploração e da normalização do capital penetra nas práticas cotidianas dos indivíduos. Essa perspectiva permite compreender por que investidores comuns, muitas vezes sem plena consciência dos impactos de suas escolhas, aplicam recursos em fundos e ações de empresas ligadas ao setor da defesa. Aqui, a alienação não se dá apenas no plano econômico, mas também no plano ético, uma vez que os papéis são apresentados em relatórios financeiros sob rótulos técnicos como “tecnologia de ponta” ou “indústria de defesa”, diluindo a percepção de que estão diretamente relacionados à guerra.

Mészáros (2002), em sua crítica radical ao sistema do capital, contribui para a compreensão de como o capitalismo, em sua fase globalizada, elimina barreiras éticas e sociais em favor da expansão ilimitada da acumulação. Ao trazer sua análise para o contexto da indústria bélica, evidencia-se que empresas do setor da defesa são a tradução prática de tal lógica: ao mesmo tempo em que produzem instrumentos de destruição, se apresentam no mercado como ativos legítimos, inclusive desejáveis, para investidores. Chesnais (1996), por sua vez, já antecipava a centralidade da financeirização como eixo organizador do capitalismo tardio, o que ajuda a compreender por que setores tão controversos conseguem prosperar em ambiente de bolsa.

A tensão central que emerge do diálogo com esses autores está em reconhecer que, se por um lado o capital encontra novas fronteiras de valorização, por outro lado isso aprofunda contradições éticas e sociais. A defesa, que deveria ser entendida como espaço público de soberania e segurança, se torna objeto de valorização privada, deslocando sua legitimidade para os movimentos da bolsa.

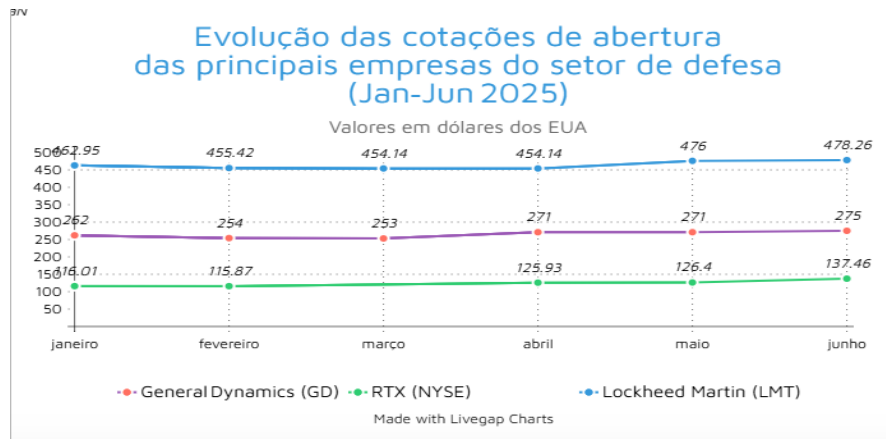
4.3.2 Constatações a partir da pesquisa empírica

A pesquisa de campo nas bolsas de valores revelou dados que confirmam as hipóteses levantadas no início do trabalho. Em Nova York, a presença massiva de empresas como *Lockheed Martin*, *General Dynamics* e *Raytheon* evidencia o peso estrutural do setor da defesa na economia estadunidense. Relatórios acompanhados no local indicavam que, em momentos de instabilidade geopolítica, esses ativos são classificados por analistas como “defensivos” no portfólio dos investidores — uma ironia que reflete a naturalização da guerra no interior do capitalismo financeirizado.

Na B3, a participação é mais restrita, mas não menos significativa. Empresas como a Embraer representam, para o investidor local, a possibilidade de acessar um setor globalizado e em expansão. Ainda que a escala seja menor, sua presença demonstra que a financeirização do setor não é exclusiva do ambiente estadunidense, mas também se manifesta em mercados periféricos como o brasileiro.

Entre janeiro e junho de 2025, dados de mercado mostraram que a *General Dynamics* apresentou uma valorização de 7,8%, a *Lockheed Martin* cresceu 6,3% e a Embraer oscilou em 5,5%. Esses números, que podem parecer modestos quando comparados a outros setores de alta volatilidade, ganham relevância por se tratarem de empresas ligadas à defesa. A estabilidade e a capacidade de gerar lucros mesmo em cenários de crise tornam esses papéis estratégicos para investidores. Tal constatação confirma a análise de Chesnais (1996), de que o capital, na sua fase financeirizada, busca refúgios que garantam previsibilidade em meio à instabilidade global.

Gráfico 2: Variação do valor de mercado das principais empresas do setor da defesa (jan-jun/2025)



Fonte: Autoria própria, dados obtidos em: [Investing.com Brasil - Finanças, Câmbio e Investimentos](https://investing.com/Brasil-Financas-Cambio-e-Investimentos) Acesso: 2025

Essas observações empíricas permitem concluir que o setor da defesa se consolidou como espaço privilegiado de valorização financeira. Isso significa que, em momentos de crise internacional, tensões políticas ou até mesmo guerras localizadas, os papéis dessas empresas se fortalecem, criando um paradoxo ético: o sofrimento humano e os conflitos, em vez de serem compreendidos como tragédias a serem evitadas, tornam-se eventos que potencializam a valorização de ações.

4.3.3 Ética, contradições e caminhos futuros

Um dos pontos mais sensíveis que emergiram ao longo desta pesquisa foi a dimensão ética da financeirização do setor da defesa. Afinal, é legítimo que ativos ligados à guerra e à destruição sejam tratados como simples oportunidades de investimento? A partir do diálogo com os autores analisados e dos dados coletados, é possível propor uma definição de ética no contexto desta investigação: trata-se da capacidade de reconhecer as consequências sociais, políticas e humanas das escolhas financeiras, de modo a não reduzir o valor de uma empresa apenas à sua rentabilidade em bolsa.

Nesse sentido, ao observar a prática das bolsas, percebe-se um esvaziamento da ética em favor da lógica do lucro. As ações do setor da defesa são apresentadas aos investidores como “opções seguras” e “papéis estratégicos”, mascarando seu

vínculo direto com a indústria da guerra. Esse processo de normalização corresponde àquilo que Byung-Chul Han (2017) identifica como um dos efeitos mais profundos do neoliberalismo: a transformação de contradições estruturais em aspectos invisíveis do cotidiano. Ao mesmo tempo, confirma a leitura de Mészáros (2002) de que o capitalismo não encontra barreiras morais em sua expansão, absorvendo até mesmo setores cuja lógica é produzir destruição.

Portanto, a definição de ética que emerge desta pesquisa não é abstrata, mas situada: trata-se da responsabilidade de não naturalizar a guerra como ativo financeiro, reconhecendo que escolhas em bolsa carregam implicações muito além dos gráficos de rentabilidade. Essa conclusão não elimina a realidade de que o setor da defesa continuará a ser atraente para investidores, mas aponta para a necessidade de problematizar esse processo em espaços acadêmicos, políticos e sociais.

Em termos de perspectivas futuras, este trabalho abre caminho para novas investigações. Sugere-se, por exemplo, um estudo mais aprofundado sobre os impactos políticos da valorização dessas empresas em bolsa: até que ponto a sua força financeira influencia decisões governamentais de política externa? Outra possibilidade é analisar o comportamento de fundos de investimento socialmente responsáveis (*ESG*), investigando se e como eles lidam com a contradição de investir ou não em empresas ligadas ao setor da defesa.

Em síntese, o percurso desta pesquisa permite afirmar que o setor da defesa, ao ser incorporado à lógica das bolsas de valores, expõe tanto a força quanto os limites do capitalismo contemporâneo. Força, porque revela sua capacidade de transformar até mesmo a guerra em ativo financeiro. Limite, porque traz à tona contradições éticas que desafiam qualquer discurso de neutralidade dos mercados. É justamente nessa tensão que se encontra a principal contribuição deste trabalho: mostrar que a financeirização do setor da defesa não é apenas um fenômeno econômico, mas também político, social e ético, cujas implicações precisam ser enfrentadas pela academia e pela sociedade.

5 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo analisar de que forma os investimentos realizados por investidores individuais nas bolsas de valores B3 (Brasil) e NYSE (Estados Unidos) podem contribuir, direta ou indiretamente, para o fortalecimento das empresas do setor da defesa, bem como refletir sobre as implicações éticas, sociais e políticas desses fluxos de capital. Partiu-se da hipótese de que, mesmo sem plena consciência, o pequeno investidor pode estar financiando a guerra ao aplicar seus recursos em ações de companhias que produzem armamentos, veículos militares e tecnologias bélicas.

A trajetória da pesquisa foi organizada em três capítulos centrais. No primeiro, discutiu-se o funcionamento das bolsas de valores e os mecanismos que permitem a captação de recursos por parte das empresas. Esse ponto revelou que o mercado financeiro, muitas vezes apresentado como um espaço neutro de trocas, é na verdade um canal estratégico de financiamento, onde empresas de diferentes setores, incluindo o bélico, obtêm liquidez e legitimidade. Ao mesmo tempo, os investidores individuais, ao adquirirem ações, tornam-se parte dessa engrenagem, ainda que frequentemente não tenham plena consciência de suas consequências.

No segundo capítulo, foram mapeadas as principais empresas do setor da defesa, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. A análise mostrou que gigantes como Lockheed Martin, Raytheon Technologies, Northrop Grumman e General Dynamics, nos Estados Unidos, e Embraer e Taurus Armas S.A., no Brasil, possuem modelos de negócios altamente dependentes de contratos governamentais militares. O acesso ao capital de mercado amplia sua capacidade de inovação tecnológica e de expansão produtiva, transformando a bolsa em um componente essencial de sua estratégia. O estudo também destacou a disparidade entre a *NYSE* e a *B3*, não apenas em termos de volume financeiro, mas também de protagonismo geopolítico, já que o mercado norte-americano concentra as maiores corporações globais da defesa.

No terceiro capítulo, aprofundou-se a dimensão ética e social do problema. A partir do confronto entre teorias como a de Milton Friedman, que entende a função da empresa como a maximização do lucro para o acionista, e a de Edward Freeman, que propõe a responsabilidade corporativa em relação aos stakeholders, a pesquisa tensionou os limites da neutralidade no mercado financeiro. Autores críticos como François Chesnais e István Mészáros reforçaram a ideia de que o capitalismo contemporâneo está estruturalmente ligado à guerra, seja pela lógica da financeirização, seja pela necessidade permanente de espaços de acumulação. Byung-Chul Han, por sua vez, contribuiu para compreender como o discurso da inovação e da eficiência encobre práticas destrutivas, transformando a guerra em mais um nicho de expansão econômica.

A análise empírica, baseada em relatórios financeiros, balanços patrimoniais e dados de mercado entre 2018 e 2025, mostrou que o valor de mercado dessas empresas tende a crescer em momentos de instabilidade geopolítica. A guerra da Ucrânia, a escalada de tensões no Oriente Médio e as disputas em torno do Pacífico demonstraram de forma concreta que, no exato instante em que vidas humanas são perdidas, carteiras de investidores registram valorização. Essa constatação confirma a tese de que há uma relação estrutural entre capital financeiro e indústria da guerra, na qual o investidor comum, mesmo indiretamente, se torna parte de um circuito de acumulação que se alimenta de conflitos.

Essa conclusão suscita a questão ética central do trabalho: até que ponto o pequeno investidor é responsável por financiar a guerra? A pesquisa evidenciou que, embora os indivíduos não participem diretamente das decisões estratégicas de governos ou corporações, seu capital fornece a base de sustentação para a expansão do setor bélico. A compra de ações, ao mesmo tempo que pode ser interpretada como uma simples aposta financeira, viabiliza a captação de recursos pelas empresas e legitima sua presença nos mercados globais. Assim, a responsabilidade, ainda que compartilhada e difusa, não pode ser completamente negada.

Outro aspecto relevante é a análise do discurso das próprias empresas em relação ao tema ESG (Environmental, Social and Governance). Observou-se que companhias como Lockheed Martin e Embraer procuram enquadrar-se em critérios

de responsabilidade social, enfatizando inovação tecnológica, sustentabilidade em processos produtivos e parcerias civis. No entanto, a função central de sua atuação permanece a produção de armamentos. Como lembra Han (2017), trata-se da positividade neoliberal: até mesmo a destruição pode ser apresentada como inovação. Essa ambiguidade reforça a necessidade de questionar não apenas as práticas das empresas, mas também o próprio sistema de classificação e avaliação de investimentos éticos, que muitas vezes exclui de forma superficial ou seletiva setores inteiros, sem discutir sua função estrutural na reprodução do capital.

Do ponto de vista metodológico, é importante reconhecer as limitações do estudo. O recorte temporal (2018–2025) impediu a observação de ciclos históricos mais amplos da indústria da defesa, que remontam à Guerra Fria e à consolidação do complexo militar-industrial descrito por Dwight Eisenhower em 1961. Além disso, a análise concentrou-se em duas bolsas de valores, *B3* e *NYSE*, deixando de fora mercados igualmente relevantes como Londres, Hong Kong ou Frankfurt. O acesso restrito a informações confidenciais sobre contratos militares também representa uma barreira, já que muitos dos dados são mantidos sob sigilo por razões estratégicas de segurança nacional.

Ainda assim, a pesquisa trouxe contribuições significativas. Em primeiro lugar, ampliou o debate sobre a responsabilidade individual no mercado financeiro, um tema frequentemente negligenciado em favor de análises macroeconômicas. Em segundo lugar, forneceu dados empíricos que demonstram a correlação entre instabilidade geopolítica e valorização de empresas do setor bélico, evidenciando a contradição entre ganhos privados e custos humanos. Em terceiro lugar, promoveu um diálogo interdisciplinar entre economia, filosofia, ciência política e ética, permitindo compreender o fenômeno em sua complexidade.

A partir dos resultados, abrem-se caminhos para novas pesquisas. Seria possível, por exemplo, realizar um estudo comparativo entre o setor bélico e outros setores estratégicos, como energia, tecnologia e mineração, para verificar até que ponto a lógica de acumulação baseada em crises e conflitos é exclusiva da defesa ou se trata de um padrão mais geral do capitalismo financeirizado. Outra linha promissora é investigar as parcerias entre empresas militares e universidades, muitas vezes

envolvidas em projetos de pesquisa aplicada que combinam ciência civil e tecnologia bélica. Também caberia aprofundar a análise do papel de grandes fundos de investimento institucionais, como *BlackRock*²³ e *Vanguard*²⁴, cuja presença massiva em companhias de defesa amplia a escala do problema.

Para ser mais breve, os achados deste trabalho suscitam reflexões sobre a possibilidade de regulação diferenciada para investimentos no setor de defesa. Seria desejável, por exemplo, criar mecanismos de transparência mais rigorosos, que informassem claramente os investidores sobre a natureza bélica das atividades das empresas em que aplicam seus recursos. Também seria possível discutir políticas públicas que incentivassem alternativas de investimento socialmente responsáveis, ampliando a relevância prática do movimento ESG e aproximando-o de compromissos éticos mais consistentes.

Em síntese, a pesquisa respondeu de forma afirmativa à questão central: investir em empresas do setor da defesa é, em última instância, investir na guerra. O pequeno acionista pode alegar que sua decisão é neutra ou apenas orientada pelo lucro, mas, na prática, sua participação no mercado reforça um setor que se sustenta pela destruição. Essa constatação não deve ser lida como condenação moral individualizada, mas como a revelação de uma lógica estrutural do capitalismo contemporâneo, na qual guerra e finanças se entrelaçam como faces complementares.

A reflexão final que emerge é se a sociedade está disposta a continuar aceitando a guerra como negócio lucrativo ou se é possível pensar em alternativas que desarmem essa engrenagem. Esse desafio envolve tanto a transformação de práticas individuais, escolhas de investimento mais conscientes, quanto mudanças estruturais no sistema financeiro global. Mais do que uma questão técnica ou

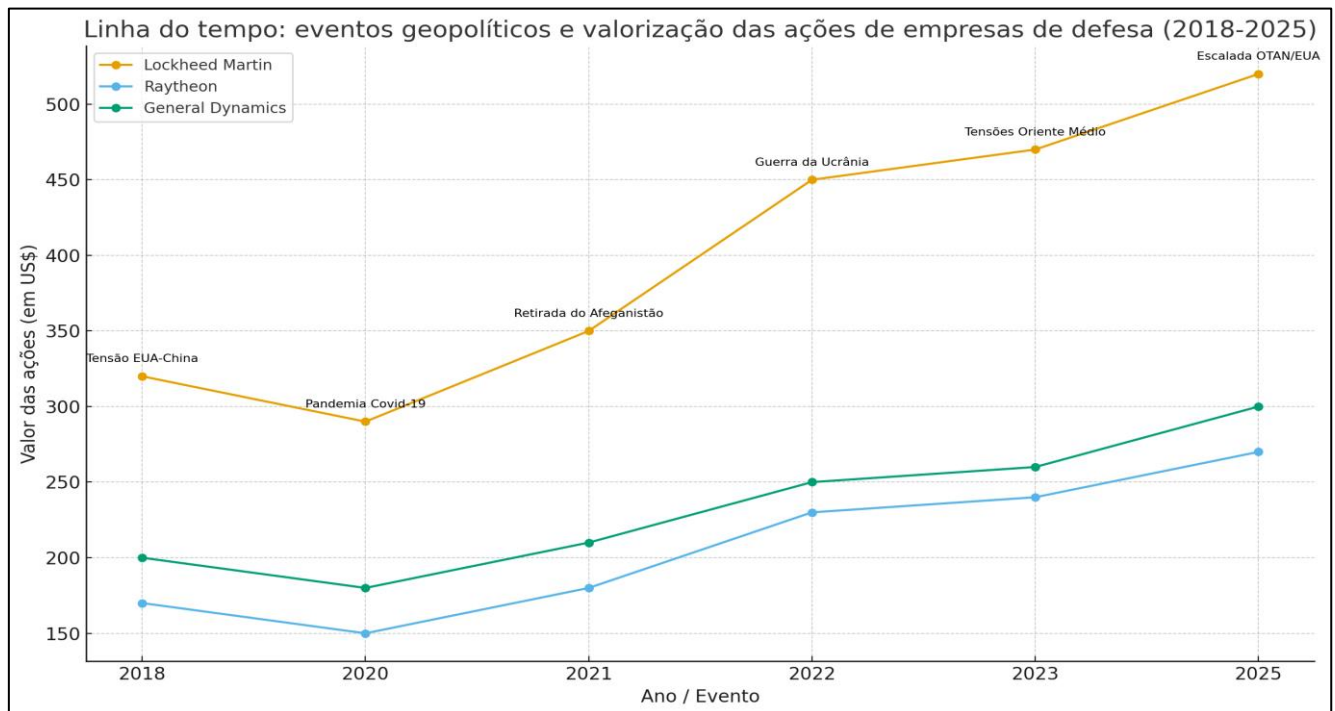
²³ **BlackRock** – Maior gestora de ativos do mundo, com atuação global em fundos de investimento e ETFs, incluindo participação significativa em empresas do setor de defesa. Disponível em: <https://www.blackrock.com>. Acesso em: 16 set. 2025.

²⁴ **Vanguard** – Gestora internacional de fundos de investimento e ETFs, reconhecida por sua estratégia de investimento passivo, também presente como acionista em empresas do setor militar. Disponível em: <https://www.vanguard.com>. Acesso em: 16 set. 2025.

econômica, trata-se de uma questão ética e política, que coloca em jogo os rumos da humanidade em um contexto de crises recorrentes e ameaças globais.

Assim, o trabalho contribui para abrir espaço a um debate urgente: o de que não há neutralidade no mercado financeiro e de que cada decisão de investimento carrega implicações que ultrapassam a esfera individual. Reconhecer essa realidade é o primeiro passo para a construção de um futuro em que o capital não esteja condenado a se expandir por meio da destruição, mas possa ser orientado para a promoção de paz, justiça e sustentabilidade.

Grafico 3: Linha do tempo conectando eventos geopolíticos com a valorização das ações das principais empresas de defesa dos EUA.



Fonte: Autoria própria, dados obtidos em: [Investing.com Brasil - Finanças, Câmbio e Investimentos](https://investing.com/Brasil-Financas-Cambio-e-Investimentos), <https://companiesmarketcap.com/lockheed-martin/marketcap>, <https://www.macrotrends.net/stocks/charts/LMT/lockheed-martin/market-cap>.

<https://companiesmarketcap.com/defense-contractors/largest-companies-by-market-cap/?>, Acesso: 06. Set. 2025

REFERÊNCIAS

B3 – Brasil, Bolsa, Balcão: Relatórios anuais e bases públicas de empresas listadas, 2025. Disponível em: Relatório Anual - B3. Acesso em: 3 set. 2025.

B3. O que é IPO. Disponível em: <https://www.b3.com.br>. Acesso em: 7 set. 2025.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. *Ensaio sobre o capitalismo no século XXI*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

BYUNG-CHUL, Han. *Capitalismo: Impulso da Morte*. Petrópolis: Vozes, 2022.

CHESNAIS, François. *A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, consequências*. São Paulo: Boitempo, 2005.

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

CNBC. Top Defense Stocks for 2024. Disponível em: <https://www.cnbc.com>. Acesso em: 28 mar. 2025.

DEFENSE NEWS. Top 100 Defense Companies, 2023. Disponível em: <https://www.defensenews.com/top-100>. Acesso em: 5 jun. 2025.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

EISENHOWER, Dwight D. *Farewell Address to the Nation, 1961*. Arquivo oficial. Disponível em: <https://www.eisenhowerlibrary.gov>. Acesso em: 4 jun. 2025.

EMBRAER. Relatório Anual 2023. Disponível em: <https://www.embraer.com>. Acesso em: 6 jun. 2025.

Embraer S.A.: Relatório financeiro anual, 2025. Disponível em: Embraer no 2T25: análise financeira, receita e perspectivas. Acesso em: 3 set. 2025.

FORBES. Global 2000 – The World's Largest Public Companies 2024. Disponível em: <https://www.forbes.com>. Acesso em: 6 jun. 2025.

GRI (Global Reporting Initiative): "Understanding ESG Reporting". Disponível em: <https://www.globalreporting.org/>. Acesso em: 22 ago. 2025.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

LOCKHEED MARTIN. Annual Report 2023. Disponível em: <https://www.lockheedmartin.com>. Acesso em: 6 jun. 2025.

Lockheed Martin: Relatório financeiro anual, 2025. Disponível em: <https://www.lockheedmartin.com/>. Acesso em: 6 set. 2025.

MÉSZÁROS, István. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002.

Northrop Grumman: Relatório financeiro anual, 2025. Disponível em: <https://www.northropgrumman.com/>, *Northrop-Grumman-Proxy-Statement-(2025).pdf* e *Annual Reports | Northrop Grumman*. Acesso em: 22 ago. 2025.

NYSE – Bolsa de Valores de Nova York: Dados de mercado e observação direta durante visita que foi feita, 2025. Disponível em: <https://www.nyse.com/>. Acesso em: 1 set. 2025.

PRI (Principles for Responsible Investment): “What is responsible investment?”. Disponível em: <https://www.unpri.org/>. Acesso em: 3 set. 2025.

RAYTHEON TECHNOLOGIES. Investor Relations. Disponível em: <https://www.rtx.com>. Acesso em: 6 jun. 2025.

Raytheon Technologies: Relatório financeiro anual, 2025. Disponível em: 19dca194-b9ba-4b8f-85cf-c1587fb3b0cc e *Investor Relations | RTX*. Acesso em: 3 set. 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2016.

STOCKZOA. Lockheed Martin Company (LMT) – Ownership by J.P. Morgan Chase & Co. Disponível em: *LMT shares owned by Jpmorgan Chase & Co - Historical positions on stockzoa.com*. Acesso em: 7 set. 2025.

TAURUS ARMAS S.A. Relações com Investidores – Resultados Financeiros 2023. Disponível em: <https://ri.taurusarmas.com.br>. Acesso em: 6 jun. 2025.

TECHDOWS. *JPMorgan Chase & Co. acquires 256,687 shares of General Dynamics Corporation (NYSE:GD)*. 10 ago. 2025. Disponível em: <https://techdows.com/2025/08/10/jpmorgan-chase-co-acquires-256687-shares-of-general-dynamics-corporation-nysegd/969271.html>. Acesso em: 7 set. 2025.

GLOSSÁRIO

Ações: frações do capital de uma empresa que podem ser compradas e vendidas, representando participação societária.

BlackRock: maior gestora de investimentos do mundo, investe em diversas empresas, incluindo do setor de defesa.

Bolsa de valores: ambiente organizado para negociação de ações e outros ativos financeiros, onde empresas captam recursos e investidores buscam lucro.

B3 (Brasil, Bolsa, Balcão): bolsa de valores brasileira, responsável por negociar ações e ativos de empresas nacionais e estrangeiras.

Capital financeiro: recursos monetários aplicados em investimentos, utilizados para gerar lucro e movimentar o mercado.

Defense News: publicação especializada em notícias e rankings do setor de defesa.

Empresas do setor da defesa: companhias que produzem armamentos, veículos bélicos, sistemas de defesa e tecnologia militar, como Lockheed Martin, Raytheon, Embraer e Taurus.

ESG (Environmental, Social and Governance): critérios ambientais, sociais e de governança utilizados para avaliar a sustentabilidade e ética das empresas.

Financeirização: processo em que setores da economia passam a depender dos mercados financeiros, priorizando lucro sobre produção ou bem-estar social.

Fundos socialmente responsáveis: fundos de investimento que evitam empresas que violam direitos humanos, destroem o meio ambiente ou participam de indústrias bélicas.

Investidor: indivíduo ou instituição que aplica capital buscando retorno financeiro.

Lockheed Martin: empresa norte-americana que produz aviões militares, mísseis e sistemas de defesa.

NASDAQ: bolsa de valores americana, focada em empresas de tecnologia e inovação.

NYSE (New York Stock Exchange): principal bolsa de valores dos Estados Unidos e uma das maiores do mundo, onde são listadas várias empresas do setor de defesa.

Raytheon Technologies: multinacional dos EUA especializada em sistemas aeroespaciais e defesa.

Stakeholders: partes interessadas afetadas por uma empresa, incluindo acionistas, funcionários, clientes, sociedade e meio ambiente.

Taurus Armas S.A.: empresa brasileira que produz armas de fogo e equipamentos de defesa.

Transparência corporativa: grau em que uma empresa fornece informações claras e acessíveis sobre suas atividades, finanças e impactos sociais.

Vanguard: grande gestora de investimentos global, com participação significativa em empresas de diversos setores, incluindo defesa.